

CONSÓRCIO

GEOMETRAL – Técnicas de Medição e Informática, SA
D.712 – Laboratório de Arquitectura, Lda
GECIP – Gabinete de Engenharia Civil e Informática de Projecto, Lda
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

**PLANO DE ORDENAMENTO DA ALBUFEIRA
DE VALE DE GAIO**

Fase 1 - Estudos Base

ANEXO 6

Flora e Vegetação

Carlos Pinto Gomes

UE, Jan 1999

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	3
2. FLORA E VEGETAÇÃO	3
2.1 - FLORA	3
2.2 - VEGETAÇÃO	4
2.2.1 - Vegetação Climática	4
2.2.2 - Vegetação Edafohigrófila	4
3 - HABITATS DA DIRECTIVA 92/43/CEE	5
4 - SÍTIOS COM MAIOR INTERESSE PARA A CONSERVAÇÃO	6
BIBLIOGRAFIA	7

1 - INTRODUÇÃO

Os dados que se apresentam neste relatório são, essencialmente, o resultado de várias visitas realizadas à área em estudo, na época primaveril de 1998.

Tais visitas permitiram elaborar um elenco florístico, com mais de duas centenas de "taxa" e uma caracterização do coberto vegetal existente, que se apresentarão num relatório final. Assim, para cada espécie presente, indicar-se-á o nome científico, autor, nome comum, família botânica, distribuição, fisionomia e afinidade fitossociológica. Do mesmo modo, apresentar-se-á a descrição das comunidades vegetais presentes, dando especial destaque à sua ecologia, estrutura, corologia, dinâmica e contactos nas envolventes da Albufeira de Vale do Gaio.

Para a caracterização do coberto estudou-se a vegetação natural e semi-natural de carácter climático, bem como a vegetação edafófila, com especial destaque a ribeirinha que margina o rio Xarrama e a barragem. Este estudo, além de ter permitido identificar as diferentes séries de vegetação presentes, também possibilitou o reconhecimento de várias formações vegetais de interesse comunitário, incluídas no anexo I da Directiva 92/43/CEE (popularmente conhecida por Rede Natura 2 000), e mesmo de elementos florísticos raros e endémicos, ameaçados de extinção em território nacional.

Ainda como resultado deste estudo, esboçou-se uma cartografia da vegetação, á escala 1:25 000, que indica as áreas com maior interesse ecológico e de elevado valor para a conservação.

2 - FLORA E VEGETAÇÃO

De um modo geral pode referir-se que a flora e vegetação, da área em estudo, não se encontra bem conservada. Contudo, baseados na observação de espécies de grande valor científico e de habitats prioritários para a conservação, que seguidamente se apresentam, bem como na elevada potencialidade e fitodinâmica destas superfícies, podemos afirmar que esta área, devidamente ordenada, pode constituir um bom contributo para a manutenção e valorização da biodiversidade.

2. 1 - FLORA

Tal como já foi referido anteriormente, na área estudada, foram reconhecidos mais de duas centenas de taxa diferentes. Destes, pela sua endemidade e raridade merecem especial destaque as seguintes espécies:

Antinoria agrostidea* subsp. *annua (Lange) Pinto da Silva

Da família das Gramíneas este terófito, endémico da Península Ibérica, característico dos locais temporariamente encharcados, é já pouco frequente, podendo mesmo referir-se que está ameaçado porque o seu habitat tem sido sistematicamente destruído.

***Cistus libanotis* L.**

Nanofanerófito muito raro em território nacional, apenas conhecido das areias litorais do Barlavento e Sotavento (FRANCO, 1971), que também vive nas etapas de substituição dos sobreirais sabulícolas, sobretudo nas proximidades do sítio denominado por Vale de Boi. A sua presença nas proximidades da Albufeira constitui novidade para

a Região e uma ampliação significativa da sua área de distribuição.

***Juncus rugosus* Steudel**

Geófito ou helófito, endémico do Sudoeste da Península Ibérica, característico dos juncais, que vive particularmente nas margens de cursos de água, sobre solos profundos e frescos.

***Salix salvifolia* Brot subsp. *australis* Franco**

Microfanerófito da família das Salicáceas, endémico do Sul de Portugal, que vive nos salgueirais que marginam os cursos de água temporários com estio prolongado da envolvente da albufeira

***Thymus capitellatus* Hoffmanns. & Link**

Estoutro endemismo lusitânico, característico das areias do centro-Sul plistocénico e Sudoeste meridional (FRANCO, 1984), é um caméfito, muito raro na superfície estudada, que vive nos matos xerófitos das etapas de substituição dos sobreirais sabulícolas.

2.2 - VEGETAÇÃO

2.2.1 - VEGETAÇÃO CLIMÁTICA

A vegetação climática é aquela que se desenvolve dependendo exclusivamente da quantidade de água recebida através da precipitação em forma de chuva. Na zona de estudo aparecem quatro séries de vegetação condicionadas sobretudo pelo tipo de solo. Assim, predominam os sobreirais da série ***Oleo-Querceto suberis*** sobre areias que em substratos duros (xistos e granitos) é substituída pela série dos sobreirais de ***Myrto-Querceto suberis***. Por outro lado, sobre terrenos calcários, vivem os azinhais da série ***Smilaci-Querceto rotundifoliae***. Por último, ainda que de forma mais pontual, podem-se encontrar os zambujais desenvolvidos sobre solos de carácter vértico (com alto conteúdo de argilas) pertencentes à série ***Tamo-Oleto sylvestris*** faciação com *Phlomis purpurea*.

Todas estas séries de vegetação são próprias do piso bioclimático termo-mediterrâneo, sendo os materiais geológicos os responsáveis pela substituição de umas por outras. Apesar de estarem presentes estas quatro séries de vegetação potencial climatófila, a paisagem é marcada pelos cultivos e matos de substituição, uma vez que os bosques foram explorados pelo homem, sobretudo para desenvolverem as actividades agrícolas e pecuárias.

2.2.2 - VEGETAÇÃO EDAFOHIGRÓFILA

Também a presença de séries de vegetação edafohigrófila vem aumentar o já elevado valor ecológico destas superfícies, uma vez que encerram um conjunto de habitats de grande interesse florístico e faunístico, fundamentais para a conservação da biodiversidade.

A vegetação desenvolvida nos meios aquáticos tais como linhas de água

(edafohigrófila) não depende directamente do nível de precipitação recebida numa determinada área pelo que pode ser considerada como aclimática ou azonal. O rio Xarrama nas proximidades de Torrão apresenta duas séries de vegetação ribeirinha: a primeira banda, em contacto com a água, está ocupada pelos tamargais da série *Polygono-Tamariceto africanae* da qual existe uma boa representação no troço do rio anterior à barragem. A segunda banda pertence à série dos freixiais da série *Ficario-Fraxineto angustifoliae* que teoricamente ocupariam solos profundos e frescos; mas o que existe actualmente são silvados e juncais junto a pequenos fragmentos de freixial. No troço posterior à barragem começa uma nova série ribeirinha de salgueirais pantanosos (*Carici-Saliceto atrocinnereae*). Também em alguns afluentes, das proximidades do Monte de Vale de Gaio, surgem alguns resquícios de uma outra série de vegetação potencial que por ocorrer de forma pontual, apenas designamos de comunidade edafohigrófila de carvalhos marcescentes de *Quercus faginea* subsp. *broeroi*.

3 - HABITATS DA DIRECTIVA 92/43/CEE

No seio de cada série de vegetação destaque-se a presença de algumas etapas de substituição que encerram comunidades vegetais e habitats com interesse para a Comunidade Europeia que integram o anexo I da directiva 92/43/C.E.E. (Directiva “Habitats”), popularmente conhecida por Natura 2 000.

Neste sentido, seguindo a listagem feita por ALVES & COL. (1997), apresentam-se seguidamente os habitats, utilizando os códigos correspondentes, reconhecidos na área estudada.

3132 - Águas oligomesotróficas da região mediterrânica e perialpina com vegetação anual das margens expostas (*Nanocyperetalia*):

Glinio lotoidis-Verbenetum supinae

3170 – Charcos temporários mediterrânicos: (Habitats prioritários para a conservação)

Pulicario-Agrostietum pourretii

Comunidade de *Preslia cervina*

Comunidade de *Antinoria agrostidea*

3280 - Cursos de água mediterrânicos permanentes:

Paspalo-Agrostidion

4030 - Charnechas secas:

Erico scopariae-Ulicetum australis

Thymo capitellati-Stauracanthetum genistoidis

6310 - Florestas de esclerófilas sujeitas a pastoreio (montados):

Montados de *Quercus suber*

Montados de *Quercus rotundifolia*

6420 - Prados mediterrâneos de ervas altas e juncos:

Trifolio resupinati-Holoschoenetum vulgaris

6430 – Comunidades pioneiras de ervas altas de orlas de cursos de água em planície:

Arundini donacis-Convolvuletum sepium

91B0 - Freixiais:

Ficario ranunculoidis-Fraxinetum angustifoliae

92A0 - Florestas galeria com Salix:

Carici lusitanici-Salicetum atrocinereae

9240 – Carvalhais de *Quercus faginea*:

Comunidade de *Quercus faginea* subsp. *broteroi*

92D0 - Galerias ribeirinhas termomediterrâneas:

Polygono equisetiformis-Tamaricetum africanae subas. *aretosum italicum*

9320 - Florestas de *Olea*:

Tamo communis-Oleetum sylvestris

9330 - Florestas de *Quercus suber*:

Myrto communis-Quercetum suberis
Oleo sylvestris-Quercetum suberis

9340 - Florestas de *Quercus rotundifolia*:

Smilaci mauritanicae-Quercetum rotundifoliae

4 - SÍTIOS COM MAIOR INTERESSE PARA A CONSERVAÇÃO

Tendo por base a cartografia realizada, à escala 1:25 000, e os reconhecimentos florísticos, já efectuados, esboçam-se, na figura 14 do texto geral, as áreas com maior interesse para a conservação. Posteriormente serão devidamente justificados todas as superfícies indicadas com interesse.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, J.; M. Lousã; J.C. Costa; C. Pinto Gomes & F. Barreto - 1997. **Correspondência entre a versão base da legenda e os tipos de habitats listados no Anexo I da directiva 92/43/CEE.**
- Franco, J. A. – 1971. **Nova Flora de Portugal (Continente e Açores). Lycopodiaceae-Umbelliferae. 1.** Lisboa. (Ed. Do Autor).
- Franco, J. A. – 1984. **Nova Flora de Portugal (Continente e Açores). Clethraceae-Compositae. 2.** Lisboa. (Ed. Do Autor).